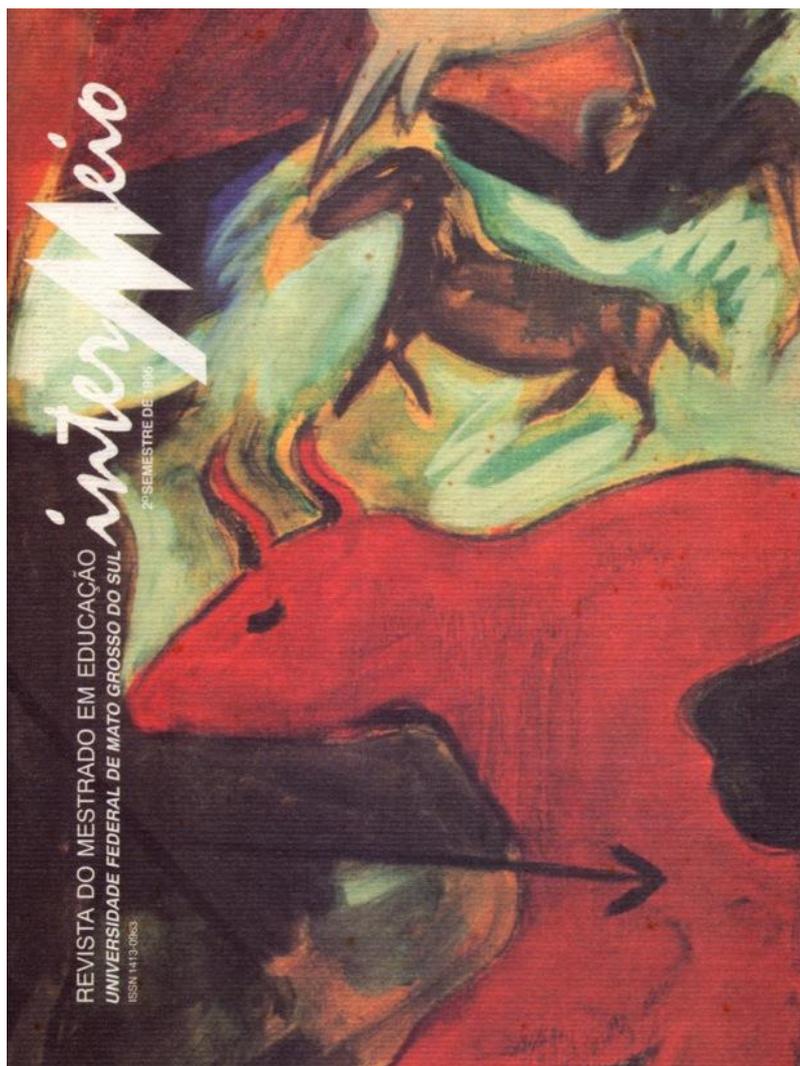




Encarte Especial (1-32), publicado in **Intermeio**. Revista do Mestrado em Educação. Campo Grande, MS, v. 1, n. 2, 1995. Tradução e Apresentação de Luiz Feracini. Estudo Introdutório de Fani Goldfarb Figueira¹.



Capa da Revista



Gilberto Luiz Alves
INSTITUTO CULTURAL

<https://icgilbertoluizalves.com.br>

¹ Professora aposentado da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Socióloga e Doutora em Sociologia pela Universidade de São Paulo-USP.

ERASMO

A CIVILIDADE PUERIL

ESTUDO INTRODUTÓRIO

Fani Goldfarb Figueira*

É com grata satisfação que apresentamos ao leitor brasileiro a *Civilidade Pueril*, de Erasmo. O texto vem, há muito, sendo esperado por todos aqueles que - direta ou indiretamente - preocupam-se com as questões da educação. Muito embora tenham-se passado já tantos séculos desde que foi escrito, sua atualidade não poderia ser maior.

Erasmo é um autor que, parece, dispensa apresentações. Seus escritos sobre a educação, assim como o justamente famoso *Elogio à Loucura*, permitem-nos entender porque Erasmo é considerado um dos principais baluartes do pensamento da Renascença.

Segundo este pensamento, Deus deu aos homens condições para fazerem de si tudo o que quisessem. Poderiam, inclusive, querendo, e se, para tanto, se esforçassem, alcançar até a perfeição divina. Pico della Mirandola, o grande Renascentista, diz que Deus não deu ao homem nada de próprio, nada de particular, ao contrário do que fizera com todos os demais



Erasmo, por Quentin Metsys.

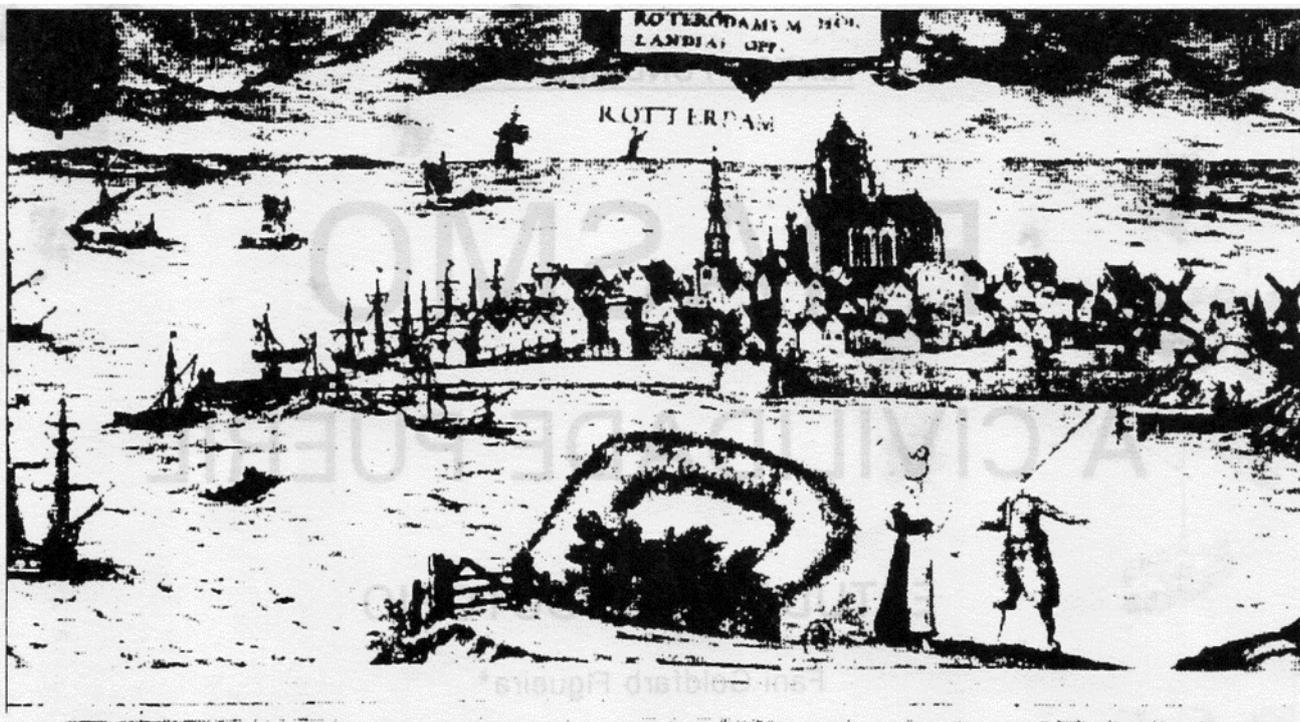
elementos da sua criação que, plantas ou animais, nasceram, já, com uma dada natureza. Deus teria dito ao homem:

"A ti, ó Adão, não te temos dado nem uma sede determinada, nem um aspecto peculiar, (...) precisamente para que o lugar, a imagem e as tarefas que reclamas para ti, tudo isso tenhas e realizes, mas pelo mérito de tua vontade e livre consentimento. As outras criaturas já foram prefixadas em sua constituição (...) Tu, porém, não estás coarctado por amarras nenhuma. (...) Não te fizemos nem celeste, nem terreno, mortal ou

imortal, de modo que assim, tu, por ti mesmo, qual modelador e escultor da própria imagem, (...) possas retratar a forma que gostarias de ostentar. Poderás descer ao nível dos seres baixos e embrutecidos; poderás, ao invés, por livre escolha de tua alma, subir aos patamares superiores que são divinos."¹

Nós deveríamos nos surpreender com o fato de tais pensadores atribuírem um papel essencial à

¹ PICO DELLA MIRANDOLA, Giovanni - (1463-1494). *A Dignidade do Homem*. Tradução, notas e estudo introdutório de Luiz FERACINE. São Paulo, GRD, 1988, p.6.



Os primeiros anos de sua vida, Erasmo passou entre Rotterdam, sua cidade natal, e...

educação? Este radicalismo humanista que chega a crer que Deus criou o homem para ter quem - com a razão - admirasse as suas obras, não pode senão depositar todas as expectativas da perfectibilidade humana na educação.

É a educação que, como bem o observa o Prof. Feracine² ao analisar a expressão latina "excolere", arranca de dentro do homem, pelo trato, toda sua natureza não social. Arrancá-la é, ao mesmo tempo, imprimir-lhe uma natureza social, a única realmente humana.³

Aristóteles, mais do que ninguém, imortalizou a idéia de que o homem é, por natureza, um ser social, ao declarar que o homem é um animal político.

Imprimir no homem sua natureza política demanda imensos esforços. Vimos, na passagem de Pico della Mirandola, que não é preciso muito para "descer ao nível dos seres embrutecidos".

Della Casa,⁴ o autor renascentista de tal modo comprometido com a defesa da natureza social do homem que seu livro, *Galateu*, deu origem, na língua italiana, ao substantivo "galateo", que significa "saber-viver" ou, em última instância, "civildade", diz:

"Ainda que as forças da natureza sejam poderosas, esta é, no entanto, frequentemente vencida e corrigida pelo hábito, mas para tanto é preciso começar cedo a opor-se a ela e a reprimi-la, antes que ela adquira um poder e uma audácia excessiva. No entanto, a maior parte das pessoas não o fazem. Ao

contrário, elas dedicam-se a seguir, sem resistência, os seus apetites, com tudo que isto encerra, e elas crêem obedecer à natureza, como se a razão não fosse também algo natural no homem.

Na verdade, a razão tem, como senhora absoluta, o poder de alterar maus hábitos e de ajudar a despertar a natureza sempre que esta se avilta ou sucumbe."

Para demonstrar o que afirmara, ou seja, a possibilidade da educação, Della Casa prossegue:

"Mesmo entre os animais ocorre alguma coisa que, evidentemente, não se deve à sua razão, pois eles não a têm, mas à nossa. Você pode observar isto nos cavalos que, frequentemente, ou, mesmo, sempre, seriam selvagens por natureza, mas que o escudeiro domestica tornando-os educados e bem amestrados. Muitos destes cavalos marchariam a trote duro, mas ele os ensina a caminhar com passos suaves, a deter-se e a correr, ensina a um bom número a girar e a saltar. (...) Ora, se os cavalos, os cães, os pássaros e tantos outros animais ainda mais selvagens que estes se submetem à razão de outrem, lhes obedecem e aprendem aquilo que por sua natureza não só não sabiam, mas, inclusive, lhes contrariava, tornando-se, por assim dizer, tão virtuosos e prudentes quanto lhes permite a sua condição, e isto não por natureza, mas por costume, quanto não deveríamos, nós, acreditar que podemos tornarmo-nos muito melhores?"⁵

Quase dois séculos depois e, portanto, em condições outras, veremos o abade Galiani⁶ dizer algo mui-

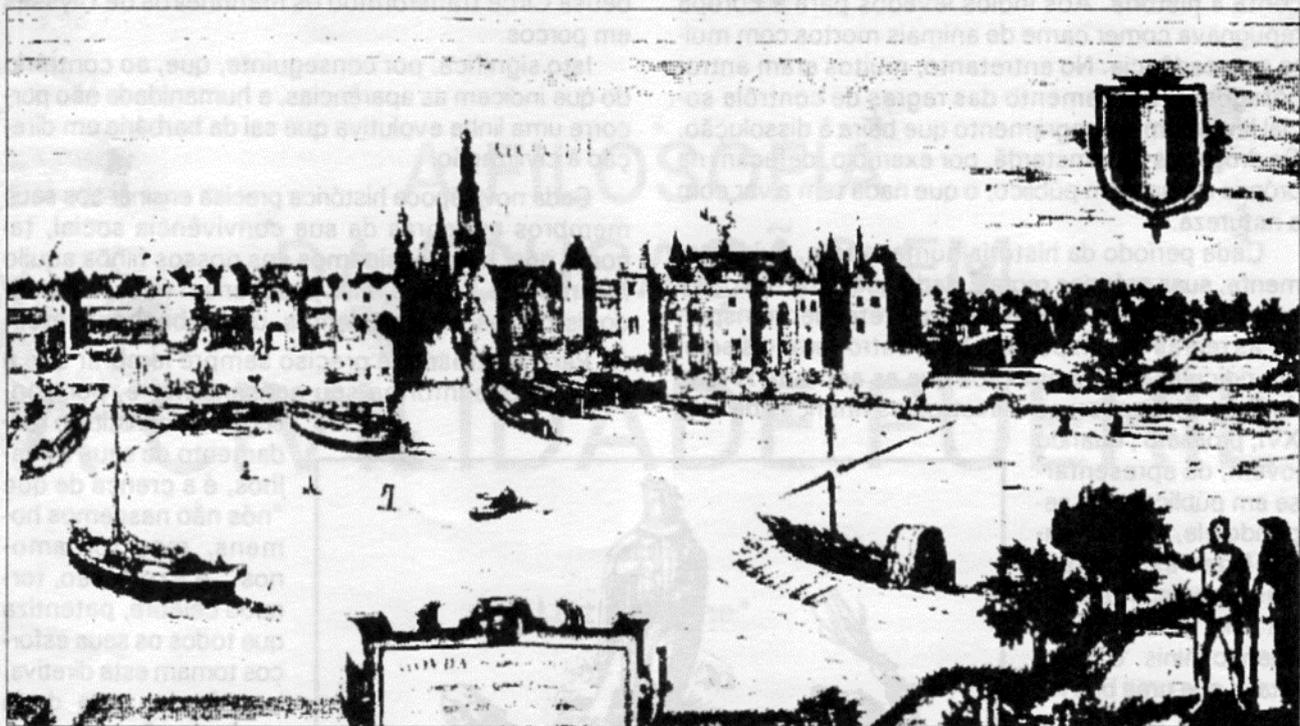
² FERACINE - Apresentação de Erasmo.p.2.

³ Num trabalho sobre Aristóteles, em fase de elaboração, o Prof. Pedro de A. Figueira chega, mesmo, a afirmar que "a única natureza do homem é a sua natureza social."

⁴ DELLA CASA, Giovanni - *Galatée* ou *Des Manières* (1598). Quai Voltaire, Paris, 1988, p.96. Tradução (mimeografada) Fani Goldfarb Figueira.

⁵ Ob. cit., p.97

⁶ Galiani foi secretário da embaixada do Rei de Nápoles em Paris. Seu nome está intimamente ligado ao dos Enciclopedistas, sobretudo Diderot. Comprometido com o processo de transformação social de então, escreveu um importantíssimo trabalho intitulado *Diálogo sobre o Comércio do Trigo*, (1770), em que refuta o dogmatismo dos Fisiocratas. Escreveu, também,



... Goude, ambas na Holanda. Nas ilustrações, aspectos das duas cidades na época de Erasmo.

to semelhante acerca da educação. Para ele, a educação:

"reduz-se, exclusivamente, a dois pontos: a aprender a suportar a injustiça e a aprender a suportar a contrariedade.

O que acontece quando guiamos um cavalo? O cavalo sabe andar a passo, sabe trotar ou galopar naturalmente. Mas o faz quando quer e a seu bel prazer. Nós lhe ensinamos a andar de tal ou qual modo, independentemente da sua vontade, contra a sua razão (e aqui está o que é a injustiça) e a continuar a fazê-lo durante duas horas (e esta é a contrariedade).

Portanto, quando se ensina latim, grego ou francês a uma criança, não é a utilidade da coisa que interessa, mas o fazê-la acostumar-se a cumprir a vontade de outrem. (...) Quando ela estiver acostumada a isto, ela está adestrada, ela é social, ela vive no mundo." (...)

Galiani arremata, ainda, o pensamento:

"De resto, a regra é verdadeira em geral: todos os métodos agradáveis para ensinar ciências às crianças são falsos e absurdos, pois a questão não é aprender geografia ou geometria, mas aprender a se acostumar ao trabalho, isto é, à contrariedade;"⁸

Não sei o que causará mais incômodo ao leitor: se é ver os autores compararem crianças a animais ou o

argumento de que a educação requer disciplina e esta é, sempre, incompatível com o prazer.⁹ Em tempos, como os nossos, em que liberdade e prazer caminham juntos e constituem a exigência prévia de qualquer debate, tais formulações correm o risco de serem sumariamente repudiadas.

Façamos, no entanto, um esforço para entender os móveis desta radicalidade. O que estará ocorrendo na sociedade para que os seus pensadores falem desta forma?

Dizíamos, linhas atrás, que a única natureza do homem é a sua natureza social. Precisamos, porém, lembrar que imprimir-lhe esta natureza social demanda, sempre, muito trabalho. Arrancar-lhe sua natureza não-social, condição essencial à própria sobrevivência da espécie, constitui tarefa das mais árduas. Assim, mesmo ações que, hoje, parecem-nos muito simples - alguns, inclusive, chamam-nas "básicas" - demandam um enorme custo social. Quem quer que tenha lidado com uma criança saberá quão difícil é ensinar-lhe a satisfazer estas necessidades ditas "básicas" como ser humano, e não como animal. É preciso ensinar-lhe a comer, isto é, o que, como, quando e quanto; ensinar-lhe a banhar-se, vestir-se, excretar, etc.

As teorias de que as crianças sabem, naturalmente, tudo que é bom para elas, levam bem pouco em

uma obra de economia: *A Moeda*, (1748-1751) que está, aliás, sendo traduzida para o português, e um *Diálogo sobre as Mulheres*. Além de outros trabalhos, Galiani é conhecido pelo extenso Epistolário que manteve com Mme. d'Épinay. Este Epistolário, mordente, irônico, profundo e irreverente constitui um material excepcional para o entendimento das questões debatidas na *Enciclopédia*.

⁷ GALIANI, Ferdinando - *Opere*. Illuministi Italiani. Tomo VI. Riccardo Ricciardi Editore. Milão, Nápoles, 1975. "Epistolário." Carta a Mme. d'Épinay, n° LIX, Nápoles, 4 de agosto de 1770, p. 1043. Trad. FGF.

⁸ Ob. cit., p.1045

⁹ GIKOVATE, Flávio - "Na minha opinião, uma boa definição de disciplina seria a aquisição da capacidade que permite que a razão seja mais forte e vença nossas vontades e nossa preguiça. (...)

Acredito que a principal tarefa da educação, especialmente durante os primeiros anos de vida, consista em desenvolver a razão e suas forças com o intuito de sermos capazes de "domesticar" nossas vontades." In: *Revista Cláudia*.02/94

conta a história. Aos índios levados para a Europa repugnava comer carne de animais mortos com muita antecedência. No entanto, muitos eram antropófagos. O relaxamento das regras de controle social leva a um desregramento que beira à dissolução. Os drogados de Amsterdã, por exemplo, defecam na própria roupa e em público, o que nada tem a ver com a natureza.

Cada período da história humana tem, evidentemente, suas próprias regras, dado que cada um deles tem suas próprias necessidades. Pretender transportar as regras de um período para outro torna-as sempre ridículas, bem como aos que as adotam. A mãe de Turgot, o poderoso ministro das finanças de Luiz XVI, proibia-o, quando jovem, de apresentar-se em público, pois segundo ela, ele não sabia fazer as reverências convenientemente. Ele, por sua vez, quando ministro, acreditava que uma boa reforma do ensino na França seria aquela que tornasse obrigatório aos jovens apreender a fazer medições com a toesa.

O fato de que as regras sociais tornam-se frívolas quando superadas historicamente não significa, no entanto, que possamos pregar a sua dissolução previamente, dado que, sem regras, é a própria sociedade que sucumbe.

A importância do texto de Erasmo não reside, por conseguinte, em aprendermos, hoje, as regras que ele propõe, as quais estão, irrevogavelmente, superadas pela história. O que não perdeu a atualidade é o seu argumento da necessidade de regras para o "convívio social", regras para tornar político este animal humano.

Ao nos debruçarmos, no entanto, nas regras de comportamento propostas por Erasmo, nos surpreenderemos ao vê-lo ter que ensinar que não se deve comer de boca aberta, não se deve vomitar na mesa, não se deve escolher, das travessas, o melhor pedaço, não se deve, também, devolver à travessa pedaços de alimentos já mastigados, etc.

Nos surpreenderemos porque não havíamos encontrado comportamento semelhante no Banquete, de Platão, por exemplo, nem nas descrições que Xenofonte faz das festas promovidas por Ciro, ainda que os gregos considerassem os persas bárbaros. Tampouco em Homero, oito séculos antes de Cristo, veremos um tal comportamento. Por muito menos a

deusa Circe transformou os marinheiros de Ulysses em porcos.

Isto significa, por conseguinte, que, ao contrário do que indicam as aparências, a humanidade não percorre uma linha evolutiva que sai da barbárie em direção à civilização.

Cada nova época histórica precisa ensinar aos seus membros as regras da sua convivência social, tal como nós, hoje, ensinamos aos nossos filhos aquilo mesmo que, parece, eles já deveriam nascer sabendo, isto é, escovar os dentes, usar o banheiro, etc.

Para ler Erasmo é preciso sempre lembrar que a questão que informa seu pensamento e, por con-

seguinte, constitui o fundamento de seus trabalhos, é a crença de que "nós não nascemos homens, mas tornamo-nos." A expressão, tornada célebre, patentiza que todos os seus esforços tomam esta diretiva, isto é, dar uma dada conformação ao "convívio social".

Observemos que Erasmo propugna uma educação para "todas" as crianças. O termo "todas" tem uma profunda conotação histórica, dado que anteriormente teria sido necessário precisar "quais" as crianças que devem ser educadas nestas regras.

Ao tratar das condições da "convivência social", Erasmo dá expressão à universalidade e à historicidade do problema. Sua formulação evidencia que o

"convívio social" exige, agora, regras de comportamento comuns a todas as classes. Erasmo diz, inclusive, que "os pobres orgulhar-se-ão de receberem uma educação semelhante à dos príncipes."

A sociedade moderna aproximou demasiadamente as classes e é esta proximidade que confere universalidade às regras desta convivência. Quem, antes, atendia a um príncipe era nobre como ele e, portanto, havia uma educação só para os nobres. Hoje, isto é, na sociedade moderna, o servidor é plebeu como o são quase todos os patrões. Vão juntos à escola, à igreja e, até, aos folguedos. Esta igualdade requer a igualdade da educação e Erasmo confere voz a esta necessidade.



Ilustrações de Hans Holbein Les Crayonna, feitas em 1523 nas margens de um livro de Erasmo, conservado no Museu da Basileia-Suíça.

FANI GOLDFARB FIGUEIRA é professora do Departamento de Ciências Sociais-CCHS da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

A FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO EM A CIVILIDADE PUERIL

Luiz Feracine*

1

No ano 1530, era publicado, em língua latina, outro opúsculo da autoria de Erasmo. O título é simpático porque nada evoca de sofisticação intelectual. Denomina-se o livretinho "De civilitate morum puerilium" (literalmente, "Sobre a civilidade dos costumes pueris").

Em vernáculo vamos designá-lo "A civilidade pueril".

A considerar o destinatário imediato da graciosa obra, pensar-se-ia que o autor tinha a estatura moral do educador comprometido com a elite da nobreza. Com efeito, ele dedica o trabalho "Ao nobilíssimo Henrique de Borgonha, filho de Adolfo, príncipe de Veere, criança de promissor futuro". Todavia, no Preâmbulo ao texto, o próprio Erasmo declara que seu objetivo, ao dar de público aquelas lições, era bem o de atingir a grande facção daqueles que não tiveram a ventura de receber um pedagogo particular nem de frequentar cursos reservados aos apaniguados da fortuna. Seu intento, portanto, era ir ao encontro de todas as crianças, democratizando assim o patrimônio da cultura erudita até então reservada para as classes privilegiadas. Razão porque declara: "Tudo que passamos a prescrever, embora de exígua utilidade para sua pessoa..., será acolhido, mais prazerosamente, por todos os outros meninos justamente por que dedicado a uma criança de classe tão alta e de grande futuro".

2

O autor tem consciência de que a arte de ensinar deve obedecer às fases do crescimento espontâneo da criança. Por isso Erasmo distingue, com clareza meridiana, aquelas quatro etapas do desenvolvimento. "A arte de instruir criança consta de diversas etapas. A primeira e a principal consiste em fazer com que o espírito ainda tenro receba as sementes da piedade; a segunda que tome amor pelas belas artes e as aprenda bem; a terceira, que seja iniciada nos deveres da vida; a quarta, que se habitue, desde cedo, com as regras da civilidade".

3

No mesmo Preâmbulo, o pensador de Roterdã constata a diferença entre a educação formal e a informal. Esta advém da espontaneidade com que se vão explicitando as tendências nativas da criança, já predisposta pelo berço e pelo meio ambiente para manifestar atitudes e comportamentos de beleza e de honestidade. Mas, adverte ele, a educação formal, aquela realizada através de disciplina, método, orientação e acompanhamento faz-se necessária porque, sem tal subsídio complementar de arrimo para as boas tendências de que a criança é portadora, com frequência, muitos, quando adultos, descaminham da senda do bem viver. Eis porque vale a pena reler aquele parágrafo conciso, porém, referto de sabedoria:

"Muito embora sejam as corretas atitudes do corpo espontâneas numa índole boa, não raro ocorre constatar que, por falta de disciplina, elas ficam a desejar em certos indivíduos honestos e eruditos".

4

Não se omite o autor em definir o que ele entende por educar. Aliás, da educação ele tem um conceito tão bem adequado que pode, ainda hoje, servir de referencial. Declara ser a educação "o cultivo do espírito". Mas o termo de que faz uso no latim, traduz intensa carga

nocional. Erasmo emprega o verbo "excolere" que, nominalmente, diz "fazer sair para fora pelo trato" e, realmente, expressa a idéia de cultivar com cuidado, aperfeiçoar, tornar bonito. Daí o vocábulo corrente mas já escamado e surrado "escola".

Erasmo assim demonstra que o educador nada tem de plasmador ou formador. Para ele a educação difere da atividade de artesanato, onde se modula a peça a talento do artista. O educador vai ao encontro da potencialidade nativa do educando e o ajuda a explicitar a riqueza interior, fazendo com que emergja todo o cabedal com que a natureza o dotou.

Aliás, era bem aceito, na época renascentista, o que Tomás de Aquino ensinara séculos atrás: a função do mestre é uma casualidade instrumental porque o agente principal do processo educacional é sempre o próprio educando.

O educador coopera, mas não decide sobre a qualidade final do processo educativo. Esta, em última instância, fica condicionada à participação do educando. Como enfatiza Leonel Franca: "O homem deve ser o artífice dos seus destinos... cabe a cada um de nós burilar a própria estátua... que importa é que seja uma obra-prima... que não seja a estátua de um escravo mas de um homem livre. Não seremos homens, se não formos reis. O maior de nossos crimes fora abdicar a sublimidade de nossa realeza".

Esta passagem do grande educador brasileiro faz eco para aquilo que Erasmo escrevia às crianças: "ostentem a verdadeira nobreza".

5

Fazer da Filosofia da educação uma área privilegiada para o diálogo a respeito das assim chamadas virtudes morais, aqueles bons hábitos que tecem as relações comportamentais como uma rede de comunicação feita de gentileza e de prestatividade atenciosa, são coisas relegadas

às calendas gregas. Das virtudes já não se fala mais e, quando mencionadas, são tidas como sintoma de pietismo.

Erasmo afronta o problema das virtudes com muita naturalidade e desenvoltura. Seu texto faz da prática cortês das atitudes sociais uma escola permanente, onde se exercitam os bons modos de respeito

mútuo, de cordialidade, de controle sobre o egoísmo, de acolhimento e modéstia.

Aquela facilidade para incentivar o cultivo das virtudes sociais decorria da concepção de homem tão enaltecida pela filosofia humanista. Eis porque Erasmo assegura que a nobreza das atitudes supera de longe os símbolos do poder. Para ele os caracteres bem estruturados desfazem as diferenças de status e aproximam grandes e pequenos na escala social pela elegância do mesmo convívio civilizado. Enfim, mediante a prática generalizada das virtudes, a sociedade nivela-se por cima. Todos ficam iguais em prestígio e nobreza.

6

Merece ainda ressaltar como Erasmo frisa, com bastante relevo, a dignidade da criança, apelando para a diferença dela em face de comportamentos menos louváveis. No lugar de simplesmente proibir, o autor empenha-se em motivar a norma correta para que a criança

interiorize o valor da mesma e se encante com sua beleza. Daí porque norma por norma está reforçada pelo confronto com os aspectos ridículos ou até vexatórios das atitudes em contrário. Assim este ou aquele procedimento fica bem porque afasta qualquer semelhança com seres irracionais, quando não avilta a ponto de reproduzir a imagem de idiotas, palhaços e tresloucados. Destarte, a criança visualiza as imagens de situações incorretas e indecorosas. O fluxo de comparações entre jeitos corteses e elegantes e posturas desajeitadas e grosseiras, tudo isso trabalha na fantasia infantil e fomenta motivos de autodisciplina.

Como se vê, sem dispor de desenhos animados ou de jogos educativos, o autor faz de um texto escrito a magia da tela de um quadro estimulante.

Fora de dúvida que nada mais atraente como o brilho de uma pessoa polida para conviver na harmonia da socialidade. Aí a estética traduz a ética que recende o perfume do respeito pela dignidade alheia.

7

Pode até parecer enfadonho tratar do problema educacional pelo prisma da urbanidade. Somos testemunhas de como não foi bem aceita a disciplina curricular que introduziu o ensino da "Educação moral e cívica" nas escolas brasileiras. Isso se deve, talvez, porque a educação para a civilidade não tenha sido inserida no

contexto de um projeto cultural mais amplo e bem esculpido.

Não era assim no tempo em que Erasmo edita o pequeno manual de "Educação Cívica". E veja o leitor porque. Em 1530, o Humanismo Renascentista criou o clima em que estava embebido o espírito da civilização européia. Ganhava foros de cidadania, junto a

todas as camadas da sociedade, pensar e sentir a arte, a elegância das modas e a cortesia do trato entre pessoas bem como galanteio de atitudes que se harmonizavam com o prestígio conferido à dignidade do homem e de seus empreendimentos. Era, enfim, a boa educação um postulado coerente daquela percepção de beleza e majestade que traduzia todo o otimismo de uma nova maneira de acreditar no próprio homem e no seu futuro sobre a face da terra.

8

De repente, aquele mundo novo está ameaçado pela iminência da catástrofe. É que eclodira a Reforma liderada por Lutero e a unidade da civilização do continente europeu corria o risco de sofrer rupturas irreparáveis, podendo mesmo levar de roldão todo aquele projeto de humanismo.

Ante a perspectiva de quebra do sistema religioso com seqüelas de ordem política, Erasmo deixa o seu isolamento voluntário para oferecer uma proposta de paz. Mas não seria, desta vez, para assumir o encargo honroso que lhe fora acenado pelo Papa Adriano VI, seu conterrâneo e admirador, mas apenas para continuar a ser o que sempre fora: o mestre e o educador. Aparece então em cena, sobraçando o opúsculo para ensinar a civilidade do comportamento coletivo. Destarte, Erasmo proclamava aos adultos em conflito que, pelo menos, as gerações futuras seriam iniciadas nas regras da tolerância e do respeito à dignidade da qual ninguém podia abdicar em nome da defesa intransigente de conceitos e posicionamentos de ordem religiosa e política.

9

Mesmo sem o propósito de esmiuçar, não é demais destacar certas nuances de bom senso aliado à delicadeza de abordagem com que o educador Erasmo enfrenta problemas que exigem habilidade de trato. É de ver e admirar o modo refinado, mas bastante aces-

sível à idade tenra de crianças, com que ele fala sobre o recato pelo corpo em suas partes mais respeitadas. Aquele lance merece relido. "Se a decência ordena resguardar aquelas partes dos olhares indiscretos dos curiosos, por muito menos não se há de as expor ou oferecer para o contato com outras pessoas". É uma chamada para a conscientização em torno da dignidade também do corpo em suas partes onde os instintos militam contra o controle pela racionalidade. Bastaria essa pérola de lição pedagógica para se ter uma idéia do brilho do tesouro ético, acrisolado pelo insigne renascentista no diuturno amanho de seus educandos.

10

Erasmo evidencia de modo muito claro qual o tipo de relacionamento que se estabelece entre o educador e o educando. Ele chama o destinatário da ação educativa de "filho caríssimo". Está, portanto, a designar que a convivência da paternidade espiritual perpassa o

empenho do educador ante a expectativa de acolhimento por parte do educando.

Destarte, a função educativa distancia-se de todas aquelas atitudes incompatíveis com o respeito que entrelaça um pai espiritual ao seu discípulo. O único móvel da ação verdadeiramente educacional resume-se no serviço desinteressado em proveito da vantagem auferida pelo educando. Educar traduz a modalidade mais altruísta do serviço cujo retorno cifra-se na alegria de ter cooperado no desabrochar e no aprimoramento das potencialidades do educando.

Eis porque Erasmo conclui seu livreto, um verdadeiro florilégio de filigranas, com essas palavras: "hoc quicquid est muneris fili carissimi": "ó filho caríssimo, de qualquer utilidade que te possa ser este nosso serviço...".

Por certo os pseudo-educadores que se defrontam com os estudantes como massa de clientela num supermercado de diplomas à venda, pouco ou até nada se sensibilizam com a terna afetividade com que Erasmo justifica seu ardor de mestre, ao confessar, na abertura do texto, que fora induzido a compor aquelas páginas porque movido "pelo amor à juventude".

11

Não passe despercebido como o autor realça a virtude primordial do educando. Na idade média, S. Tomás de Aquino disse que a "docilidade", isto é, a predisposição de acolhimento fácil e simpático, era a condição mais propícia ao aprendizado fecundo. Por isso Erasmo

refere-se à "praeclara indolis", ou seja, à boa disponibilidade. Com efeito, no processo educativo, a abertura de espírito por parte do aluno é um passo decisivo para o aproveitamento. Isto já era conhecido dos antigos, quando diziam: "quidquid recipitur a modo recipientis recipitur", isto é, "aquele que acolhe, recebe qual recipiente". Está claro que a capacidade do recipiente determina o volume do conteúdo a ser recolhido. Vige aí uma relação direta de proporcionalidade.

12

Ainda uma palavra sobre o jogo como arte lúdica na pedagogia. A função dos esportes como elemento educativo ocupa, hoje, lugar de relevância. Porém, em nível diverso daquele preconizado pelo Humanismo da época de Erasmo. Hoje, o jogo e o esporte adestram para a competição

e preparam o jovem para a luta no cenário da vida, onde o mercado de trabalho é seletivo e marginalizador. Por isso, a garra ensina a criança para ser invencível e nunca perder a chance de brilhar com a palma da vitória nas mãos. Mas, naqueles tempos, a finalidade da prática esportiva era outra. O esporte era o espaço para se adquirir o vigor do espírito na vivacidade e também um meio para disciplinar os impulsos agressivos. Por isso era tido como sinal de nobreza dar oportunidade aos outros para vencerem a fim de melhor compartilharem da diversão comum.

Nem era então ignorado que o esporte propicia espaço para se extravazarem as tendências latentes do espírito. Na desconcentração dos jogos decresce a censura sobre a espontaneidade do temperamento. Daí porque o educador dispõe de um referencial de análise para descobrir o potencial tanto positivo quanto negativo da criança. Em suma, no jogo as virtudes e os defeitos despontam e saltam à vista, desnudando todo o temperamento. O educador faz então do esporte o laboratório de observações a fim de conhecer o educando e, oportunamente, assessorá-lo na aquisição de hábitos polidos que nobilitam a personalidade. Eis porque Erasmo encerra seus conselhos com uma frase de imorredoura lição: "Ninguém, de fato, pode escolher seus pais ou pátria, mas todos

podem esculpir a própria personalidade pela educação".



Evidente, enfim, que o texto elaborado por Erasmo em 1530 não pretendia ensinar os bons modos para a criança deste final de século. Isso não obstante, a leitura daquelas páginas de singela beleza, sobre espelhar o espírito da civilização da época, comove e entenece o leitor porque muitas daquelas saudáveis e elegantes atitudes foram conservadas e retransmitidas oralmente até os dias de hoje. Apraz saber que a boa educação eleva e ressalta aquela dignidade que torna respeitável todo ser humano. Ainda mais quando a civilidade do comportamento está aliada, como escrevia Erasmo, no Preâmbulo, ao cultivo do espírito pelas belas artes: "Hoje, não se de terem como nobres todos aqueles que educam o espírito no cultivo das belas artes".

Portanto, a leitura do opúsculo de Erasmo, enseja lances de reflexão porque foi vazado em filosofia educacional de ceifa sazoadada no solo fecundo do humanismo e bafejada pelo idealismo.

LUIZ FERACINE é sacerdote católico, ex-professor da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e atual presidente do Tribunal Eclesiástico regional de Campo Grande.



ERASMO

A CIVILIDADE PUERIL

TRADUÇÃO

LUIZ FERACINE

Preâmbulo

Se, fazer-se de tudo para todos, e por três vezes, a fim de se tornar útil para todos, não mortificou aquele grande Paulo, quanto menos eu sentir-me-ia apoucado em voltar, vez por outra, ao nível dos jovens por amor da juventude ansiosa de instrução.

Do mesmo modo que, em outra oportunidade, acomodei-me à pré-adolescência de teu irmão Maximiliano com o fito de lhe ensinar o modo de falar adequado aos jovens, assim, agora, disponho-me a transmitir os preceitos de civilidade pueril adaptados a tua idade de criança.

Não é porque tenhas lá grande necessidade de tais normas. Pois, desde o berço foste educado entre os áulicos e recebeste, já ao nascer, um preceptor hábil que te passava as primeiras lições. No entanto, tudo que passamos a prescrever, embora de exígua utilidade para tua pessoa, filho que és de príncipes e fadado ao poder, será acolhido, mais prazerosamente, por todos os outros meninos justamente porque dedicado a uma criança de classe tão alta e de grande futuro.

Aliás, não seria de negligenciar o incentivo que daí advém para o mundo das crianças pelo fato de verem os filhos dos príncipes serem imbuídos dos mesmos estudos e exercitados na mesma liça.

A arte de instruir criança consta de diversas etapas. A primeira e a principal consiste em fazer com que o espírito ainda tenro receba as sementes da piedade; a segunda que tome amor pelas belas artes e as aprenda bem; a terceira, que seja iniciada nos deveres da vida; a quarta, que se habitue, desde cedo, com as regras da civilidade.

É bem desta última etapa que, agora, proponho tratar. Das demais fases, muitos outros já se ocuparam, inclusive minha pessoa tem escrito a respeito com frequência.

Muito embora sejam as corretas atitudes do corpo espontâneas numa índole boa, não raro ocorre constatar que, por falta de disciplina, elas ficam a desejar em certos indivíduos honestos e eruditos.

Não nego que a civilidade seja a parte mais modesta de toda a Filosofia, mas, ela tem, hoje, o condão de captar benevolência e predispor para a aceitação alheia nossas qualidades mais prestantes.

É de todo conveniente que o ser humano seja bem composto nas atitudes, nos gestos e no modo de se trajar.

Todavia, a modéstia cabe bem em criança, principalmente nos filhos dos nobres. A bem dizer, há de se reputar por nobres todos aqueles que cultivam seu espírito com a prática das belas artes.

Não falta quem faça pintar leões, touros e leopardos em seus braços. No entanto, só possui a verdadeira nobreza quem pode esculpir suas insígnias com tantos emblemas quantas as artes que cultivou.

Atitudes corretas e incorretas

Os olhos

Para que a boa índole da criança seja transparente (e nada como os olhos para a revelar), convém que o olhar seja plácido, respeitoso e circunspecto.

De fato, olhos ameaçadores é sinal de violência, enquanto olhos perversos traduzem maldade. Mas os olhos erradios e perdidos no espaço sugerem demência.

Que não se olhe obliquamente porque isso é próprio dos desconfiados ou dos maquinadores de ciladas. Também não estejam os olhos desmensuradamente abertos porquanto isso evoca imbecilidade. Cerrar as pálpebras e piscar expressa inconstância.

Nem é de se terem os olhos pasmados já que isso é típico dos atordoados. Enquanto olhos penetrantes denotam irascibilidade, os olhos vivos e muito loquazes veiculam lascívia.

Importa, portanto, que os olhos sejam o reflexo de um espírito tranquilo com respeitosa afetuosidade.

Realmente, não foi por acaso que a sabedoria dos antigos dizia que a alma tem sua sede nos olhos. Daí porque as pinturas antigas nos dão a entender que olhos semicerrados era então sinal de peculiar modéstia.

Também para os Espanhóis olhar para alguém, baixando, ligeiramente, as pálpebras é tido na conta de polidez e amizade.

Aprendemos ainda das pinturas que, em outros tempos, os lábios unidos e cerrados falavam de retidão.

Em todo caso, o que é decoroso por natureza, há de ser tido assim por todos. Isso não obstante, temos que imitar os povos e nos adaptar aos usos e costumes de cada povo.

Há, a propósito, certas posturas de olhares, apesar das peculiaridades conferidas pela natureza a cada indivíduo, enquanto tais, extrapolam do alcance de nossos preceitos mas deformam não só os próprios olhos senão ainda toda a aparência física e a beleza do porte. Ao invés, os movimentos espontâneos e comedidos imprimem graça e, se não cancelam os defeitos, pelos menos podem ocultar e até atenuá-los.

É, por certo, indecoroso olhar com uma vista aberta e a outra fechada. Que é isso senão fazer-se zarolho? Deixemos semelhantes trejeitos para o atum e certos artesões¹.

As sobrancelhas

As sobrancelhas devem ficar naturalmente distendidas e não franzidas, porque então projetam um aspecto ameaçador. Não empurradas para cima porque assim modelam um tipo de arrogante. Nem mesmo caídas sobre os olhos, pois pressagiaríamos pensamentos malévolos.

¹ Erasmo aprendera dos naturalistas que o atum é um peixe que fecha um dos olhos para enxergar melhor com o outro olho. A referência a certos artesões calha bem ao marceneiro que aplica um único olho na linha de prumo para traçar a reta. (NT)

A frente

Que a frente seja ridente e descontráida. Assim ela dá a imagem de uma boa consciência e de um espírito de lealdade. Quando a frente está sulcada de rugas, revela velhice, mas, se for movediça, então recorda o ouriço. Se torva, caracteriza o touro.

O nariz

Nariz sujo de mucosa pituitária é sinal de indivíduo desasseado. Alíás, houve quem reprovasse o íntegro filósofo Sócrates por tal defeito. Assoar o nariz no barrete ou com a franja da roupa, nada mais chulo. Limpar o nariz no braço ou sobre o cotovelo é próprio de salgadores. Não é bonito também limpar o nariz com as mãos e depois esfregá-las nas vestes. Bem mais decente seria fazer uso do lenço, virando-se um pouco de lado, quando em presença de pessoas de mais respeito. Quando se assoa o nariz, apertando-o com dois dedos e o muco nasal cai no chão, é necessário então passar o pé em cima.

Certamente não é correto assoar o nariz de modo rumoroso. Isso denota um temperamento irrequieto. Porém, produzir zunidos, desde que seja habitual, é sinal de demência furiosa. Entretanto, tal defeito é excusável nos asmáticos porque carecem de correta respiração.

Ridículo mesmo é emitir a voz pelo nariz. Assim o fazem os cabrinos e os elefantes. Encrespar as narinas é esgar de palhaços e histriões.

Espirro

Se, na presença de outras pessoas, ocorre um espirro, é de bom-tom virar o dorso. Uma vez passado o acesso, há de se fazer o sinal da cruz sobre os lábios e, a seguir, tirando o barrete, fazer um cumprimento às pessoas que disseram "saúde" ou que, pelo menos, deveriam tê-lo dito. Pois o bocejo como o espirro perturbam, de todo, a audição, daí a necessidade de se desculpar ou de agradecer.

É de bom respeito saudar a quem espirra e, quando se trata de gente mais idosa que saúda pessoa de maior categoria social, homem ou mulher, é dever da criança descobrir a cabeça.

Aos farsantes apraz emitir espirros estridentes e em série para ostentar, por certo, o seu vigor físico.

Conter um ímpeto espontâneo é típico do indivíduo simplório que antepõe a cortesia à saúde.

O rosto

As maçãs do rosto sejam de cor natural e sem afetação. Em todo caso nunca calha bem pintar as faces ou passar corante avermelhado. Isso não obstante, seja o rosto devidamente cuidado, sem descambar para o ridículo ou para a idiotice ou ainda, como diz o provérbio, cair no quarto grau de insanidade.

Acontece existir gente com tamanha predisposição para tais coisas que se torna motivo de mofa. Para corrigir tais excentricidades convém acostumar a criança a conviver com os mais velhos e iniciá-la na representação de comédias.

Inflar as bochechas é típico de pessoa arrogante e deixá-las pendentes é sinal de desespero. Se aquela atitude exterioriza um Traso, esta lembra um Judas, o traidor.

Os lábios

Não se deve premir os lábios como se temesse aspirar o hálito dos outros. Igualmente não se pode estar de boca aberta como um paspalho.

O certo é que os lábios estejam aproximados um do outro, tocando-se de leve. Nem é elegante empurrar, de tempo em tempo, os lábios para fora de modo a modular um assobio. Tal trejeito poder-se-ia tolerar nos nobres já adultos, quando passeiam por entre as multidões. Aliás, tudo se permite aos nobres, mas, aqui, estamos a educar uma criança.

O bocejo

Se te sobrevém um bocejo irreprimível e não podes nem virar ao lado nem afastar-te, então cobre a boca com o lenço ou com a palma da mão e, depois, faz o sinal da cruz.

O riso

Rir de tudo o que se faz ou se diz, é coisa de bobalhão, mas, não rir de nada já é estupidez.

Rir de palavra ou gesto obsceno espelha um natural carácter malicioso.

A explosão de risada, aquela que mexe o corpo inteiro, e que os gregos denominavam "sacudir", não cabe bem em idade alguma e muito menos em criança.

Rir como imitando o relincho de cavalo não é decente. Igualmente indecoroso aquele que ri, escancarando a boca e arregaçando as faces com os dentes em amostra, à guisa de um esgar canino ou de sorriso sardônico.

A face deve irradiar alegria sem deformar os traços da boca nem sugerir devassidão. Somente os tolos exclamam: "Ah! Eu enlouqueço de tanto rir! Eu estou caindo de risada! Morro de rir!".

Se calha mesmo algo de tão hilariante e irresistível, mesmo para os desinteressados, então que se cubra o rosto com um lenço ou com a mão. Rir sozinho e sem motivo aparente é coisa tida como mostra de tolice e de desequilíbrio.

Todavia se tal ocorrer, prescrevem os bons modos que se decline a razão da hilaridade. Na hipótese de não convir dar o motivo, necessário se faz inventar qualquer pretexto a fim de evitar suspeite alguém que se está a rir de sua pessoa.

Os lábios

Nada tem de bom gosto morder com os dentes superiores o lábio inferior. Isso sugere ameaças. Também não se deve morder o lábio superior com os dentes inferiores.

Lamber as bordas dos lábios, alongando a língua é típico do desajustado.

Aprumar os lábios como se fosse para beijar foi, outrora entre os Germanos, um gesto de simpatia. Tal costume consta das pinturas.

Chasquear alguém, mostrando a língua é atitude de farsante.

Cuspir

Deve virar-se para o lado, quando vai alguém cuspir. Assim evita-se borriifar ou conspurcar o outro. Se cai por terra uma parte da secreção mucosa, há de se colocar o pé em cima, como, aliás, já foi dito acima, pois não se deve provocar náuseas em ninguém. O certo mesmo é cuspir no lenço.

Não é de bom tom engolir saliva. Muito menos, tal como se vê em pessoas que, sem necessidade e mais por costume, apenas pronunciam três palavras e já estão a cuspir.

Tossir

Outras há que, não por necessidade e sim por mera mania, tosem enquanto estão a falar. Isso é peculiar de mentirosos e de quantos tentam por inventar o que devem falar.

Não é de menor indecorosidade o costume de, apenas pronunciadas algumas palavras, e se pôr a emitir arrotos. Quando tal hábito é adquirido na infância, ele persiste até a idade adulta.

O mesmo seja dito a respeito do costume de escarrar. Aliás, Clitofão, em certa comédia de Terêncio, é criticado pelo seu escravo tanto por um como por outro destes defeitos.

Surpreendido por um ímpeto de tosse, cuida de não expelir o ar na face alheia. Do mesmo modo não convém tossir com mais veemência do que necessário.

Vômito

Para vomitar procura distância pois vomitar não é delito. O execrável é predispor-se ao vômito por gulodice.

Os dentes

Deves ter o cuidado de manter os dentes limpos. Todavia estar a polir os dentes, servindo-se de certos pós é coisa afeminada. Esfregar com sal ou alume prejudica as gengivas. Típico da moda espanhola é enxaguar os dentes com urina.

Se entre os dentes restar algum detrito, não é necessário retirá-lo com a ponta da faca nem com as unhas como fazem os cães e os gatos. Também não use o guardanapo para tal finalidade. O certo é servir-se de uma ponta de lentisco, de uma pena ou daqueles pequenos ossos tirados das tíbias dos galos e das galinhas.

A boca

Lavar a boca, de manhã cedo, com água fresca é tão higiênico quanto saudável. Porém, fazê-lo, repetidas vezes, não tem utilidade.

No lugar certo, ainda falaremos da língua e de seu uso correto.

Cabelo

Não pentear-se demonstra desleixo. Cuidar da limpeza não é imitar a faceirice da menina. Longe de ti a sordidez dos piolhos e lêndeas. Ajustar os cabelos, frequentemente, perante os outros, é deprimente. Igualmente desajeitado é estar a arranhar com as unhas outras partes do corpo, ainda mais quando tal costume resulta de mera mania, sem necessidade alguma.

Os cabelos não cubram a fronte nem estejam esvoaçando sobre os ombros. Vez por outra, ajeitar o cabelo, com uma sacudidela de cabeça, é próprio de cavalo garboso.

Ajeitar o cabelo da frente para esquerda, da frente para o alto da cabeça, nada elegante. Melhor mesmo é fazer uso das mãos para reparti-lo.

Busto

Abaixar o pescoço e ficar de ombros caídos é sinal de preguiça. Ressupinar o corpo traduz porte orgulhoso. É preferível estar erecto sem rigidez.

Pescoço

O pescoço não fique pendente nem para a direita nem para a esquerda, a menos que seja para um colóquio ou para outro motivo. Assim se evitam cenas de comediantes.

Ombros

É conveniente manter os ombros em perfeito equilíbrio de modo a não levantar um e abaixar o outro como as antenas (de navio).

Defeitos de tal espécie podem até ser perdoados nas crianças, mas, se habituais, acabam por deformar a simetria corpórea, a despeito da natureza. Quem, por indolência, toma a mania de curvar o corpo, adquire uma corcunda que não herdou da natureza. Quem anda de cabeça inclinada, se persiste em tal postura, quando adulto, em vão tentará a correção. Os corpos tenros são como plantas novas que podem inflectir para qualquer direção com a ajuda de amarilhos, mas, assim elas crescem e enrijecem.

Braços

Cruzar os braços, entrelaçados um no outro, equivale à pose de preguiçoso ou de quem lança um desafio. Não é correto estar de pé ou assentado e ter uma mão sobre a outra. Há quem pensa que tal gesto seja elegante ou espelha o estilo belicoso, porém, tudo que agrada aos tolos não é exatamente urbano. Correto mesmo é atender a natureza das coisas e a razão. Ainda dissertaremos sobre o modo de conversar e de tomar refeições.

Partes pudendas

Os membros aos quais a natureza outorgou o pudor, descobri-los sem necessidade, eis o que deve ficar alheio a uma índole liberal. Daí, onde a necessidade compele, há de se fazê-lo com a reserva da pudicícia, mesmo que não observado. Aliás, sempre estão presentes os anjos. Eles se comprazem no pudor, guardião e companheiro da pudícia.

Se a decência ordena que se subtraia aquelas partes aos olhares dos outros, por muito menos se deve oferecê-las para o contato alheio.

A urina

Reter a urina é prejudicial para a saúde. É de bom costume vertê-la em lugar reservado.

Flatulência

Há quem aconselha que a criança deve apertar as nádegas para reprimir a flatulência. Nada de educação nisso. Pode até parecer urbanidade, mas, estás a provocar uma disfunção.

Se for possível afastar-se um pouco, faça-o isoladamente. Caso contrário, de acordo com um antigo costume, dissimula, com a tosse, a crepitação. De outro lado, por que não preceituar que se esvazie o intestino, já que retardar tal situação é mais danoso que comprimir o ventre?

As pernas

Ficar assentado com os joelhos abertos ou estar de pé com as pernas distanciadas uma das outras e tortas, tudo isso são modos dos Trauseos.

O correto seria, ao se assentar, ter os joelhos juntos e, ao ficar de pé, aproximar as pernas uma da outra ou, pelo menos, deixar pouco espaço entre elas.

Há quem se assenta, mantendo a perna apoiada sobre o outro joelho. Outros há que ficam de pé com as pernas cruzadas em forma de "X". Enquanto a atitude anterior espelha inquietude, a segunda resvala para a imbecilidade.

Era costume dos reis antigos, ao tomarem assento, pôr o pé direito sobre a coxa esquerda. Porém tal postura não é mais aprovada.

Na Itália há gente que, para prestar homenagem, posta-se com um pé pisando o outro e, quando está de pé, então, fica apoiado em uma única perna tal como as cegonhas. Não saberia se aquela posição é bonita para crianças.

Genuflexão

O mesmo vale para o costume de fazer cumprimentos, flexionando os joelhos. Para uns é correto e para outros não. Existe a prática de dobrar os dois joelhos ao mesmo tempo, mas mantendo o corpo erecto. Outros acrescentam uma curvatura do dorso.

Segundo alguns a flexão dos dois joelhos fica bem para as senhoras. Para outros o correto seria, ficar firme e, primeiro, flexionar o joelho direito e, em seguida, o esquerdo. Aliás, isso é muito apreciado para a juventude, entre os ingleses. Por sua vez, os franceses dobram apenas o joelho direito, completando o rito com um elegante semi-giro do corpo.

Portanto, os usos e costumes, na sua diversidade, nada tendo que firam a decência, a moda pode, livremente, segui-los, quer sejam os costumes locais, quer sejam de fora. Fato é que os ademanos oriundos de outro país têm um charme especial.

O passo

Que o passo não seja nem muito lânguido nem muito apressado. O primeiro é próprio dos afeminados. O outro caracteriza os furiosos.

Sem dúvida que andar cadenciando o corpo é atitude inepta. Deixem isso para os soldados suíços e para aqueles que se orgulham de portar plumas no chapéu. Todavia até Bispos comprazem-se com semelhante afetação.

Os pés

Movimentar os pés, estando assentado, evoca o gesto de bobalhão.

As mãos

Igualmente, gesticular com as mãos desperta suspeita de alguma anomalia.

A elegância dos trajés igreja

Falamos, sumariamente, do corpo. Sejam, algumas observações para o modo de se vestir.

A roupa

A roupa, de certo modo, é o corpo do corpo. Por isso externa as disposições interiores do indivíduo. Todavia não há como estabelecer, aqui, normas rígidas, já que nem todos possuem igual riqueza nem a mesma categoria social. Além do mais, a elegância varia de lugar para lugar, sem esquecer de que as preferências mudam ao longo do tempo.

Daí porque, tal como em muitas outras coisas, neste particular é mister saber adaptar-se, como diz o provérbio, aos costumes e região e, diria eu, também ao tempo como os sábios ordenam respeitar. Com efeito, em toda diversidade há coisas que são convenientes por si e outras não, tais como aquelas que já não têm serventia.

Senhoras que arrastam longas caudas no vestido, nada mais ridículo. Igualmente é desaprovado tal costume nos homens. Deixo para outros opinarem se isso convém ou não para Cardeais e Bispos!

O uso de tecidos leves não faz figura nem nos homens nem nas mulheres. Convém então usar com outro tecido de modo a ocultar aquelas partes que ficariam, impudicamente, expostas à curiosidade masculina.

Outrora foi tido como pouco viril dispensar os cintos. No entanto, hoje, ninguém é recriminado porque o uso de camisas, calças e gibões deixam à vista as partes mais reservadas do corpo, principalmente quando a veste andeja com o vento.

Em todo caso, a veste curta demais para ocultar, quando o indivíduo se abaixa, o que deve de ser protegido pelo pudor, nunca é sinal de bons modos em país algum.

Rasgar a roupa é coisa de doido. Roupa variegada ou multicolor evoca os saltimbancos e os símios.

Em consonância com as posses e o status, respeitando ainda usos e costumes de cada região, deve-se ater à limpeza da roupa. Não é conveniente chamar a atenção nem por causa do desleixo nem do luxo que demonstra ou vaidade ou lascívia.

O asseio

Um pouco de negligência nas vestes é perdoável nos jovens, porém, sem chegar até a imundície.

Há gente que mancha, com pingos de urina, as bordas dos gibões e das camisas ou ainda incrustam o forro das mangas com nódoas feias, não de giz mas de escarro e pituita.

Não falta quem deixa o mantelete caído só de um lado; em outros ainda fica jogado para trás à altura dos rins. Todavia, há quem veja elegância nisso.

Tal como é decente manter as vestes limpas e bem cuidadas, também é de rigor que elas sejam adequadas ao tipo de corpo.

Se teus pais te presenteariam com roupas mais bonitas, não fiques a voltar os olhos sobre ti mesmo em contemplação, nem te ponhas a gesticular de alegria, nem te apresentes para ser admirado pelos outros. Isso seria o mesmo que imitar os macacos ou o pavão. Que os outros te observem enquanto fazes por ignorar que estás sendo alvo de atenção.

Quanto maior a riqueza tanto mais amada há de ser a modéstia. Convém não tirar dos desafortunados o conforto de se alegrarem um pouco consigo mesmos.

Os ricos que ostentam o fausto das vestes tanto humilham a pobreza dos demais quanto os incitam para sentimentos de inveja.

Genuflexão

A roupa

Segundo alguns autores, a genuflexão é uma atitude de respeito e veneração para com os santos e reis. No entanto, no mundo moderno, esta prática tornou-se uma forma de adoração e veneração para com os santos e reis.

Esta prática tornou-se uma forma de adoração e veneração para com os santos e reis. No entanto, no mundo moderno, esta prática tornou-se uma forma de adoração e veneração para com os santos e reis.

Esta prática tornou-se uma forma de adoração e veneração para com os santos e reis. No entanto, no mundo moderno, esta prática tornou-se uma forma de adoração e veneração para com os santos e reis.

Esta prática tornou-se uma forma de adoração e veneração para com os santos e reis. No entanto, no mundo moderno, esta prática tornou-se uma forma de adoração e veneração para com os santos e reis.

Esta prática tornou-se uma forma de adoração e veneração para com os santos e reis. No entanto, no mundo moderno, esta prática tornou-se uma forma de adoração e veneração para com os santos e reis.

Esta prática tornou-se uma forma de adoração e veneração para com os santos e reis. No entanto, no mundo moderno, esta prática tornou-se uma forma de adoração e veneração para com os santos e reis.

Esta prática tornou-se uma forma de adoração e veneração para com os santos e reis. No entanto, no mundo moderno, esta prática tornou-se uma forma de adoração e veneração para com os santos e reis.

Os pés

Movimentar os pés, estando sentada, evoca o gesto de bobagem.

Um pouco de negligência nas vestes é aceitável nos jovens, porém, sem chegar até a mundície. Há gente que marcha, com pingos de suor, as bordas dos dedos e das mãos ou ainda incrustam o furo das mangas com nodos feios, não se dá conta de que isto incrusta a roupa e dá a impressão de alguma anomalia.

De como se portar na igreja

Antes das refeições

Sempre que adentrares os umbrais de uma igreja, descubra a cabeça e, genofletando ligeiramente, com o rosto voltado para o altar, saúda o Cristo e os Santos.

Imagens e templos

Tem igual procedimento, quando te defrontares com a imagem do Crucificado, seja na cidade, seja no campo. Nunca passes à frente de um lugar sacro sem fazer algum ato de devoção, ainda que seja apenas uma breve oração, sempre com a cabeça descoberta e com os joelhos dobrados.

A oração antes do repasto

A missa

Quando está sendo celebrada a Eucaristia, manifesta recolhimento em toda a tua postura. Pensa então que Cristo está, ali, presente, Ele e incontáveis legiões de anjos.

Se alguém dirige a palavra a um rei, cercado de seus cortesãos, e descuida de firar o chapéu ou de se ajoelhar, por certo, será tido não só por vilão mas até por atrevido, quanto mais então ter a cabeça coberta e não cair de joelhos dentro de um recinto onde habita o eterno Rei dos reis, o Senhor Imortal, onde está cercado de adoradores invisíveis.

Importa não o fato que não os vês e sim que eles te estão vendo. Nem é porque não os vês com teus olhos que eles deixam de estar, ali, presentes. De fato, o certo mesmo é que os olhos da fé enxergam melhor que os olhos da carne.

Não fica bem transitar pelo recinto da igreja como os peripatéticos. Lugar de passeio são as galerias e as praças públicas, mas não igrejas que foram consagradas para fins de evangelização, para a celebração dos mistérios da fé e para a oração.

Volta os olhos para o pregador, com ouvidos abertos e com total atenção. Dá atenção respeitosa a tudo o que ele está a dizer. Não é um simples homem que escutas e sim ao próprio Deus que te fala pela boca de um homem

Quando se lê o Evangelho, levanta-te e, se logras ouvir, escuta religiosamente. Ao canto do "Creio", na altura do "Ele se fez homem", ajoelha-te, com humildade, em homenagem à divindade. Pois Aquele que residia além dos céus, desceu ao mundo para tua Salvação, dignando-se, embora Deus, tornar-se homem a fim de fazer de ti um deus.

Enquanto está em curso a celebração da missa, demonstra respeito religioso e cuida de ter o rosto dirigido para o altar e a mente para o Cristo.

Tocar o piso do pavimento com um único joelho, enquanto o outro permanece apenas como apoio, reproduz o gesto da ímpia soldadesca que biefava do Cristo e vociferava: "Salve, ó Rei dos Judeus"! Eis então que deves dobrar os dois joelhos com todo respeito.

Nesse ínterim, lê alguma passagem de teu livro de missa ou faz alguma leitura de salutar doutrina ou então eleva o espírito com alguma prece mental.

Os banquetes e as refeições

À mesa é de regra estar bem humorado. Nem por isso ser provocante.

Antes das refeições

Nunca assentar-se sem ter lavado as mãos. Porém, limpa, primeiro, as unhas. Que elas não escondam sujeiras senão podes levar o apelido de "unhas encardidas".

Antes ainda cuida de urinar, à parte; e, se necessário, esvazia o intestino.

Se te incomoda o cinto apertado, trata de folgar a fivela. Fazer isso, já assentado, não cai bem.

Ao enxugar as mãos, afasta todo tipo de pensamento melancólico de sua mente. Pois, durante a refeição não se deve aparentar tristeza como não se deve entristecer a ninguém.

A oração antes do repasto

Se pedirem a ti para abençoar a comida, assume uma atitude de recolhimento total, seja com as mãos, seja na fisionomia. De frente para a pessoa de maior respeito ali presente ou voltado para a imagem do Cristo, se houver. Chegado ao nome de Jesus e de sua mãe, a Virgem Maria, faze flexão com os dois joelhos.

Caso seja tal função confiada a outrem, ouve e responde com a mesma devoção.

Lugar de honra

De bom grado, cede para algum outro o lugar de honra. Se fores convidado para ocupar um espaço de mais destaque, excusa-te com amabilidade. No entanto, se houver insistência reiterada por parte de alguém revestido de autoridade, então aquiesce com simplicidade. Pois, então, deixar de anuir já não seria cortesia e sim obstinação.

Posição das mãos

Uma vez assentado, pousa as duas mãos sobre a mesa, mas não juntas nem sobre o prato. Igualmente deseducado é ficar com uma ou com as duas mãos sobre o peito.

Posição do corpo

Não se perdoa a mania de pôr um ou dois cotovelos sobre a mesa. Isso passa despercebido nos velhos e nos doentes, Cortesãos há refinados que se permitem tais posturas. Não dê atenção a eles nem os imite.

Entrementes, sê atento para não incomodar com os cotovelos a quem está assentado ao teu lado, Nem com os pés, a quem está a tua frente.

Não fiques a balançar sobre a cadeira, apoiando-te, ora sobre uma das nádegas, ora sobre outra. Tal atitude sugere o trejeito de quem está para liberar gases do tubo digestivo ou, pelo menos, esforça-se para tanto.

O correto é ficar de corpo direito, em equilíbrio estável.

O guardanapo

Se te oferecem o guardanapo, coloca-o ao ombro esquerdo ou sobre o braço do mesmo lado.

O chapéu

Sendo indeclinável estar à mesa em companhia de pessoas mais gradas, posto que tens os cabelos bem penteados, dispensa então o chapéu, a menos que o costume do lugar aconselhe diversamente ou haja exigência em contrário por parte da autoridade do anfitrião ao qual não seria airoso contrariar.

Todavia, regiões há onde o costume obriga que criança, junto de adultos, tome a refeição na ponta da mesa, tendo a cabeça coberta.

Em todo caso, a criança não se aproxime da mesa a não ser que expressamente convidada. Também não pode permanecer junto à mesa até o final da refeição. Logo assim que se alimentou suficientemente, tome do prato e retire-se, após ter saudado os convivas, fazendo uma leve genuflexão máxime aqueles de maior categoria.

Talheres

O copo fica à direita como também a faca, devidamente asseada, para talhar a carne. O pão à esquerda.

O pão

Alguns cortesãos se distraem em apertar o pão com a palma da mão para depois parti-lo em pedaços com as pontas dos dedos. Tu, porém, deves cortá-lo, normalmente, com a faca, sem tirar o códea ao derredor, nem separando só as pontas. Isso sim revela modo de gente refinada.

Os antigos, durante a refeição, tinham um rito religioso de manusear o pão como se fosse objeto sacro. Daí veio o costume de beijá-lo, se ocorre de cair sobre o piso.

Bebida

Principiar a refeição bebendo é hábito dos alcoólatras que bebem não por sede e sim por impulso. Isso, além de inconveniente, prejudica a saúde.

Não há necessidade alguma de tomar líquido logo depois de ter tomado sopa ou bebido leite.

Aliás, beber mais de duas ou três vezes, no decorrer da refeição, não é elegante nem saudável para as crianças. Beba uma única vez ao começar o segundo prato, principalmente se for um assado. Depois, no final da refeição, beba, mas sorvendo o líquido com moderação, não engolindo de um sorvo nem fazendo aquele rumor típico de cavalo.

O vinho e a cerveja, que têm igual teor inebriante, prejudicam a saúde das crianças e lhes depravam os costumes.

Preferível mesmo é que a juventude, por ser mais acalorada, beba apenas água.

De acordo com a idade dos menores é mais adequado tomar água ferventada. Ou, se tal não se adequar ao clima e a outras coisas mais, então bebam cerveja menos forte ou vinho mais suave diluído em água.

Pelo mais, eis alguns dos prêmios que contemplam pessoas dadas ao vinho: dentes amarelados, pálpebras caídas, olhos embaciados, esturpor mental, velhice prematura.

Antes de beber, engula a comida.

Nunca aproximar o copo dos lábios sem, primeiro, tê-lo limpadado com o guardanapo ou com o lenço, principalmente se um dos convivas te apresenta o próprio copo ou se todos bebem da mesma taça.

Reparar nos outros

Girar os olhos enquanto se bebe a fim de observar os outros, nada é mais indiscreto. Também é impróprio o costume de inclinar o pescoço para trás, à guisa de cegonhas, a fim de esvaziar o copo até a última gota.

Brinde

Se alguém levanta um brinde a tua saúde, retribua com cortesia e, tocando os lábios com o copo, limita-te só em umedecê-los, fingindo beber. Isso é quanto basta para também atender ao festivo conviva. Porém, se o indivíduo insiste como vilão, retruca, dizendo que, um dia, como adulto lhe darás troco adequado.

Sofreguidão em comer

Há gente que, mal se aproxima da mesa, mete a mão nas travessas. Isso é coisa de lobo ou de quem devora as carnes da panela antes mesmo de serem feitas as libações aos deuses, como diz o provérbio.

Não tocar, de imediato, no prato servido, não só para não ostentar gula mas ainda por causa do perigo, por vezes, conexo. Pois se introduzido na boca, sem o devido cuidado, alimento muito quente, resulta ser necessário ou cuspir fora ou queimar a goela. Mas ambas as reações são tão ridículas quanto mortificantes.

Sê, então, uma criança atenta para as vantagens de ir-se acostumando à disciplina do apetite. Em virtude de tal conselho, e não por causa da idade, que Sócrates sempre declinava de tomar da primeira taça.

Precedência

Quando uma criança toma lugar à mesa em companhia de pessoas mais velhas, seja a última a se servir da travessa, e mesmo assim, após ter sido convidada. É gesto grosseiro enfiar os dedos no molho. Pegue com a colher ou o garfo o que lhe apetecer. Todavia, ao invés de se pôr a escolher dentre todas as porções da travessa, à moda de guloso, retira aquela parte que está bem à tua frente.

A propósito, aprendamos de Homero, onde é frequente este verso: "eles estendiam as mãos para aqueles pedaços de carne cozida que estavam diante deles".

Se um pedaço for mais apetecível, deixa-o para outrem e sirva-te de outra porção próxima.

Posto que remexer o conteúdo da travessa inteira passa por gulodice, o simples movimento para girar a travessa a fim de selecionar as melhores partes não deixa de ser descortês.

Se te oferecem uma porção de melhor aspecto, então agradece com cortesia e aceita. Em seguida, tendo separado uma parte pequena para ti, devolve o restante a quem te apresentou o prato ou então passa-o ao vizinho.

O que não pode ser segurado com os dedos, seja posto no prato.

Se te for oferecido um pedaço de bolo ou de torta, pega-o com o talher, coloca-o no prato e devolve o talher. Se for algo de mais mole, recebe para degustar e devolve a colher depois de limpa na toalha de mão.

Em todo caso, lambes os dedos untados ou enxugá-los na roupa é de todo inconveniente. O correto seria servir-te da toalha ou do guardanapo.

Modo de deglutir

Deglutir bocados inteiros, apressadamente, é próprio das cegonhas e dos histriões.

Quando alguém está a separar uma fatia, não fica bem já aproximar a mão ou o prato antes que o garçom te ofereça. Pois então parece que queres pegar o que estava sendo destinado para outra pessoa. Mas, o que te for oferecido, segura-o com três dedos ou apresenta o prato para receber.

Se o que foi oferecido não agrada ao teu paladar, não vás dizer como Clitífonas da comédia: "Pai, não aguento!". Pelo contrário, agradeça com suave sorriso. Essa é a maneira elegante de refugar.

Dado, porém, que o ofertante insiste, replica-lhe, com cortesia, que o prato não te apraz ou que já te sentes suficientemente atendido.

Modo de cortar a carne

Recomendável é que, desde logo, as crianças, sem aquela afetação de certos indivíduos, aprendam a técnica de cortar com a devida propriedade. Assim, paleta não se corta como perna de carneiro; nem pescoço como costela. Por sua vez, frango, faisão, perdiz e pato, todos eles são dissecados de maneira diversificada.

Outras precauções em banquetes

Longe de ti passar para os outros um bocado já comido pela metade.

É costume de caipira estar a imergir no caldo o pão mordido.

Nada mais repugnante que repor, no prato, o alimento já mastigado, retirando-o da goela. Se ocorrer que algo, já na boca, não deve ser deglutido, então, voltando-se para trás, trata de retirá-lo de qualquer jeito, discretamente.

Tem-se como de mau gosto repor, no prato, alimento já provado ou ossos descartados.

Não jogar para debaixo da mesa ossos e outros detritos a fim de não conspurcar o pavimento. Também não depositar sobre a toalha da mesa nem dentro da travessa de serviços. O certo é deixar, num canto, dentro do teu prato ou no pires que, segundo o costume corrente, destina-se a receber os restos.

Revela inépcia quem tira alimento da mesa para dá-lo aos cães dos outros. Pior ainda é estar a acariciá-los.

É ridículo retirar a casca do ovo, usando as unhas ou o polegar. Também destestável é servir-se da língua para descascá-lo. O correto é o uso da faca.

Roer os ossos fica bem só para os cães. Gente educada sabe como descarnar os ossos com a faca.

Mancha de três dedos no saleiro, como se diz por escárnio, são as pegadas do caipira. A regra manda pegar o sal com a faca. Se o saleiro estiver distante, peça por favor e apresente o prato.

É coisa de felinos e não de humanos lamber, com a língua, prato ou tijela onde ficou aderente o mel ou resíduo açucarado.

Primeiro, corta a carne em fatias dentro do prato; a seguir, junto com o pão, mastiga por algum tempo e depois podes engolir. Tal procedimento é preceituado não só pela boa educação como ainda pela saúde.

Indivíduos há que, ao comer, mais parecem devorar e assim se assemelham aos que estão para serem, de incontinenti, encarcerados. Pois tal sofreguidão revela o ladrão.

Outros engolfam tanta coisa na boca que estufam as cavidades do rosto.

Alguns, ao mastigar, abrem de tal modo a boca que chegam a grunhir como suíno.

Não falta quem coma com tal avidez que aspira como se estivesse sendo sufocado.

Beber e falar com a boca cheia, sobre ser mal-educado é também perigoso.

Convém que as ceias prolongadas tenham intervalos para a conversação descontraída.

Muita gente há que bebe e come sem fazer pausa ou tomar fôlego, não por causa da fome ou da sede, mas porque não é capaz de ficar sossegada. São indivíduos impulsivos que ora coçam a cabeça, ora limpam o dentes ou gesticulam, ora brincam com a faca, ora tosse ou escarram e cuspem.

Tais cacoetes tanto demonstram o desajustamento dos rústicos como pode até ser indício de anomalias. Eis porque convém esconder o enfado, quando escutas a conversa dos outros sem teres chance de falar.

Não há utilidade alguma em assentar-se à mesa e ficar meditabundo.

São até vistos indivíduos tão concentrados que, além de nada ouvirem de quanto os outros falam, não se percebem que estão a comer. Se forem chamados pelo nome, tomam o ar de despertados do sono. Isso porque estão de olhos pregados nos pratos.

Feio mesmo é ficar de olho vivo no vizinho para observar o que ele come. Também não é elegante assestar os olhos, fixamente, em determinada pessoa.

Igualmente pouco polido olhar de soslaio para aqueles que estão ao lado. Pior de tudo é girar a cabeça para trás a fim de ver o que acontece em outra mesa.

Mexericos a respeito do que é dito e feito entre um copo e outro, não fica bem para ninguém e muito menos para um menino.

Criança, à mesa com pessoas mais velhas, deve ficar em silêncio, a não ser que tenha necessidade de dizer alguma coisa ou seja solicitada a falar.

Rir, moderadamente, de alguma palavra chistosa, nada de errado. Porém, em ocasião alguma rir motivado por palavra obscena. Nem sequer levantes as sobrancelhas se quem a proferiu é pessoa de classe. Ao invés, deves tomar o jeito de quem nada ouviu ou, ainda melhor, fazer que não entendeu.

Se o silêncio é ornamento para a mulher, muito mais o é para a criança.

Há quem responde bem antes que o interlocutor tenha findado a frase. Acontece então que, dando resposta provoca risada e enseja recordar o velho provérbio: "Eu te pedia o ancinho"².

Aliás, certo rei de grande sabedoria tinha na conta de idiotice o hábito de responder antes de ter ouvido a pergunta. Com efeito, não se ouviu o que não foi entendido.

Se não entendeste bem a pergunta, fica, por um instante, em silêncio até que o interlocutor, espontaneamente, torne a interrogar. Se ele não o faz e mesmo assim insiste na resposta, então a criança, com uma amável escusa, pede que repita o que foi dito.

Dado que a pergunta foi entendida, ocorre pensar um pouco e depois responder com brevidade e de modo simpático.

Durante o convívio não deixes escapar nada que prejudique o clima de alegria.

É desairosa a prática de falar mal de pessoas ausentes. Nem é de louvor

² Trata-se do antigo provérbio grego "amas aoiptov", em latim "falces petebam" ("eu te pedia a foice"), citado por Svida. Diálogo entre camponeses. Um pede a foice e outro responde: "só tenho enxadão". Em suma, diálogo entre surdos. Alguém pede uma coisa e o outro responde atravessado. (NT)

recordar para algum dos convivas qualquer de seus pesares.

Criticar o que está servido na mesa, além de deseducado, revela ainda ingratidão para com o anfitrião.

Quando os gastos com o banquete saírem de tuas posses é gentil pedir compreensão pela exiguidade de fartura. Porém, elogiar e proclamar os gastos é o pior dos condimentos para os convivas.

Se, durante a ceia, alguém for grosseiro por ignorância, é de se relevar o episódio, ao invés de zombar. Afinal, beber em companhia implica certa liberdade. Em todo caso é cruel estar a propalar, lá fora, como, aliás, já advertia Horácio, algo que escapou do controle, durante a festa. O que ali se fala e acontece deve passar com o vinho. Caso contrário, ter-se-ia que ouvir o ditado: "Odeio o conviva de boa memória".

Se o convívio prorroga-se além do tolerável para a idade juvenil e vai se encaminhando para descometimentos, então, apenas satisfeito o apetite, retira-te, discretamente, ou depois de pedir licença.

Aqueles que submetem crianças à dieta, no meu pensar, são indivíduos tão desmiolados quanto aqueles que os fazem comer em demasia. Realmente, se o regime debilita a resistência de organismos ainda tenros, o excesso de alimentos atordoia o vigor mental. Eis porque, desde cedo, a criança deve aprender a temperança.

O corpo de criança deve estar alimentado aquém da plena saturação. Por isso é preferível comer diversas vezes a empanurrar-se.

Há indivíduos que desconhecem os limites do empanzinamento a não ser quando estão a perigo de explodir ou então de rejeitar com o vômito a sobrecarga.

É sinal de desamor pelas crianças permitir a tão tenra idade participar de ceias que se prorrogam pela noite a dentro.

Portanto, se te for necessário retirar das ceias que se delongam por horas a fio, toma contigo o prato com seu conteúdo e, depois de ter feito uma saudação ao convidado de maior destaque e, em seguida, aos demais convivas, afasta-te. Mas retorna bem logo, a fim de que não se pense que estiveste a fazer gracejos dos outros ou qualquer coisa de pior.

Ao voltar à mesa, serve-te, se ainda necessitas de algo ou então toma lugar e fica em respeitosa espera de qualquer ordem. Em todo caso, seja ao trazer para a mesa qualquer coisa, seja ao tirar, cuida para não sujar a veste.

Final do banquete

Se fores apagar as velas, primeiro, afasta-a da mesa, e, apenas extinta a chama, submerge-a em areia ou pisoteia-a sob a sandália para que o odor desagradável não seja causa de irritação para os outros.

Quando for para pegar ou entornar alguma coisa, cuida para não servir-te da mão esquerda.

Se te for pedido para fazer a oração final de agradecimento, toma a atitude adequada para demonstrar que estás pronto ao rito, enquanto aguardas o momento oportuno para executá-lo em meio ao silêncio dos convivas. Enquanto esperas, mantém o rosto voltado, respeitosamente, para quem preside a refeição.

Os encontros e conversas

Respeito aos adultos e autoridades

Se encontrar pelo caminho alguém digno de respeito por causa da idade ou de reverência por ser da classe dos religiosos ou pela distinção da categoria ou em razão de qualquer outro título, deve a criança afastar-se da trilha, tirar o chapéu, respeitosamente, fletindo de leve o joelho.

Que não lhe ocorra pensar: "Que me importa tal desconhecido"! Pois a deferência não é tributada a um homem ou aos seus títulos e sim ao próprio Deus. Com efeito, ordenou Deus pela boca de Salomão que se deve levantar ante uma pessoa idosa! Igualmente, Deus ordenou, pela palavra de Paulo, que se preste honra dupla aos Presbíteros. Vale dizer, deve-se honrar a quem o merece independentemente da sua etnia.

Portanto, se os Turcos, que Deus não permita, viessem a dominar a Europa, seria uma ofensa a Deus recusar-lhes o acatamento devido à sua autoridade pública.

Deixo de falar a respeito dos pais que, após Deus, merecem respeito preferencial. Não menor respeito se deve aos mestres que, bem pelo fato de contribuírem na formação da personalidade, de certo modo são também seus genitores.

No relacionamento entre pessoas do mesmo nível vale aquela norma ditada pelo Apóstolo Paulo: cada qual cuide em se antecipar nas cortesias mútuas. Quem se antecipa em saudar pessoa do mesmo nível ou inferior, não está a se rebaixar, antes demonstra maior civilidade e por isso granjeia mais respeito.

Atitudes externas na conversação

Com os mais idosos, a regra manda falar pouco e com respeito; com gente da mesma faixa etária, de modo afetuoso e cortês.

Ao conversar, segura o chapéu com a mão esquerda, apoiando de leve a direita à altura do umbigo. Ou ainda, o que aliás ficaria mais correto, ter o chapéu seguro pelas duas mãos juntas, ficando os dedos polegares à vista, de modo a esconder a região do púbis.

Sobraçar um livro ou o barrete pelas axilas é de mau gosto.

O pudor nunca pode faltar, mas seja aquele que adorna o visual e nunca aquele que o deprime.

Os olhos estejam dirigidos para a pessoa com quem conversas, mas seja um olhar calmo e natural. Nada de olhos atrevidos ou maliciosos. Fixar os olhos no chão, tal como o touro *Catopleba*³ sugere más intenções. Olhar para alguém à socapa é sinal de hostilidade. Girar o rosto de um lado e para outro traduz volubilidade.

Não é simpático imprimir na fisionomia imagens variadas, ora enrugando o nariz, ora encrespando a fronte, ora levantando o sobrolho, ora torcendo os lá-

³ *Catopleba* segundo Plínio (in Hist. Nat. VIII, cp. XXII) um touro da África, cuja cabeça contém uma quantidade tão grande de veneno que é obrigado a se desfazer da carga lançando-a no solo. Bastaria um olhar dele para matar um indivíduo. Felizmente trata-se de uma figura existente só na fantasia dos antigos. (NT)

bios, ora abrindo e fechando, bruscamente, a boca. Todos esses esgares revelam um tipo volúvel como Proteu.

Também não é conveniente: ajustar o cabelo com movimentos da cabeça; tossir à toa; escarrar; coçar a cabeça com a mão, limpar os ouvidos e assoar o nariz; afagar o rosto como se fosse para desfazer o rubor da vergonha; esfregar a nuca; empinar os ombros, aliás, mania generalizada entre alguns italianos; dizer não com movimento rotatório da cabeça ou chamar com gesto reduzido da mesma. Dar ênfase a tudo, falando com gestos e acenos, não calha bem aos meninos, muito embora possa até ser tolerado nos adultos.

É vulgar agitar os braços e gesticular com os dedos bem como mexer com os pés, expressar-se menos com palavras e mais com o corpo todo. Isso fica bem só nas rolas, nas alvéolas e nos pegas.

O tom da voz

A voz da criança seja suave e calma. Nunca gritada como a voz dos roceiros, mas nem tão fraca que não se faça escutar. O modo de falar não deve ser precipitado como se antecipado ao pensamento, mas sim lento e claro.

Destarte corrige-se, senão de todo ao menos em boa parte, a gagueice e a hesitação. Por sua vez, o falar rápido provoca, com frequência, defeitos que a natureza não deu.

O título no tratamento

Durante o colóquio é de cortesia repetir, vez por outra, o título da pessoa com a qual se conversa. Título nenhum é mais honorífico e amável que o de pai e mãe, tal como nenhum mais afetoso que o de irmão e irmã. Se não te ocorre o título específico de determinadas pessoas, então recorda-te do seguinte: teus preceptores são sempre mestres; todos os sacerdotes e monges são padres reverendos; todos teus camaradas são irmãos e amigos. Em surma, todos aos quais não conheces deves tratar como senhores e senhoras.

Juramento e palavras obscenas

É torpeza inaudível o juramento na boca de criança, seja por mero gracejo, seja com propósito de seriedade. Nada tão execrável quanto o mau hábito, em moda em muitas regiões, onde se aprova que os meninos e até meninas, mal pronunciam duas ou três palavras para dizer pão, vinho, candeia, e já fazem algum juramento.

Criança inocente não deve emprestar sua língua para palavras obscenas nem aplicar os ouvidos às mesmas. Afinal, tudo quanto se desnuda como vergonhoso para os olhos humanos é também indecente para os ouvidos. Se for necessário designar pelo nome alguma parte pudenda do corpo, que então se use um eufemismo.

Se de novo ocorre a necessidade de dizer alguma palavra que provoca nojo a quem escuta, como, por exemplo, vômito, latrina, excremento, então que, antes, se peça desculpa.

Outros cuidados com a palavra

No caso de ser preciso refutar alguma afirmação, cuida de não dizer: "Mentira"! Ainda mais quando conversas com pessoas mais velhas. Mil vezes preferível,

após pedir escusa, dizer: "Aquilo já me foi contado em outra versão por outra pessoa"!

Menino educado não briga com ninguém. Nem com os colegas. Mas se a situação for de conflito, prefira fazer concessões ou então confiar ao juízo de terceiros.

Não ostentes superioridade; não te gabes; não critiques o temperamento alheio; não deboches dos costumes dos estrangeiros; não espalhes nada de secreto que te foi confiado; não difundas notícias sensacionalistas; não firas a reputação alheia nem jorges na face de ninguém seus defeitos naturais. Tal procedimento, além de ofensivo, é ainda cruel. É tolice chamar o caolho de ceguinho ou o manco de aleijado ou o estrábico de zarolho e o bastardo de ilegítimo.

Ao proceder segundo esses conselhos, seguramente, granjearás aplausos, sem despertar inveja e conquistarás amigos.

Interpelar quem está a contar uma piada é de mau gosto.

Confidências e segredos

Criança não deve provocar rivalidade com ninguém; antes trata de mostrar cortesia para todos. Entretanto, cuida de ter poucos como mais íntimos e seletos. Assim mesmo nunca confidencies aos outros o que queres guardado em segredo. Aliás, seria ingênuo esperar dos outros a discreção que tu mesmo não tens para contigo mesmo.

Verdade que ninguém possui tal domínio sobre a língua que não encontre alguém para o qual transfira o segredo. Em todo caso, é bem mais seguro nada confidenciar que, caso seja divulgado, redunde em vergonha para ti.

Bisbilhotice

○ Não sejas curioso a respeito de coisas alheias. Caso aconteça de ver ou de ouvir qualquer indiscrição, tenta ignorar o que conheces.

○ É de pouca civilidade ler com o canto do olho uma carta que não te foi endereçada. Se por descuido alguém abrir seu escrínio na tua presença, então retira-te um pouco. Não é de boa educação olhar para ver o que está lá dentro. Pior ainda é tocar em qualquer coisa.

○ Igualmente, ao notares que algumas pessoas principiam um colóquio muito confidencial entre elas, distancia-te discretamente, para não te intrometer na conversa, sem ser convidado.

* Em latim, "Calophonia vice". O General grego Calophos era o responsável pelas tropas de reserva. Ele só estava em ação no momento decisivo da batalha à fim de consolidar a vitória. Daí a história que, no final apraxista, os outros comandantes gritavam: "É a vez de Calophos!". Alí, expressão igual era empregada por Napoleão quando ordenava: "Alors l'avis donnez le garde!". Daí a locução latina "ageat Calophonem" que tomou o sentido de "para pôr fim, encerra o assunto" (pt).

Os esportes

Na prática do esporte mostra vivacidade, mas não aquela garra que provoca brigas. Esteja distante tanto da fraude como da mentira. É dos pequenos desentendimentos que se predispõe para as injúrias mais graves. É muito mais nobre deixar-se vencer numa disputa que levantar a palma da vitória.

Nunca deves reclamar do árbitro.

Se na disputa teus competidores são menos hábeis e tu estás em condição certa de vencer sempre, então saibas também permitir a tua derrota de modo a tornar o jogo mais divertido.

Se tens colegas de classe inferior, então ignora tua superioridade.

Deve-se praticar o esporte por prazer do espírito e nunca pelo intento de lucro. Dizem que a índole da criança se faz transparente por ocasião dos esportes.

Com efeito, se alguém está propenso ao ludíbrio, à falsidade, às rixas, à ira, à violência, à arrogância, então será justamente na competição esportiva que a natureza desnuda seus pontos fracos.

Em suma, criança educada comporta-se no esporte com a mesma postura que demonstra quando está à mesa.

Juramento e palavras indecoráveis

É imperdoável a criança, seja por mera graça, seja com propósito de sedução. Nada tão execrável quanto o mau hábito, em moda em muitas regiões, onde se aprova que os meninos e até meninas, em pronúncia das palavras para dizer pó, vinho, conhaque, e já fazem algum juramento.

Criança inocente não deve empregar sua língua para palavras obscenas nem aplicar os ouvidos às mesmas. Afinal, tudo quanto se desliza como vergonha para os olhos humanos é também indecente para os ouvidos. Se for necessário designar pelo nome alguma parte pudenda do corpo, que então se use um eufemismo.

Se de novo não é necessário de dizer alguma palavra que provoca nojo a quem escuta, como, por exemplo, vômito, latrina, excremento, então que, antes, se peça desculpa.

Outros cuidados com a palavra

No caso de ser preciso rejeitar alguma afirmação, cuida de não dizer "Mentira!". Ainda mais quando conversas com pessoas mais velhas. Mui vezes preferível

No leito

A EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS DE ERASMO*

Quando te recolhes ao cubículo, reconcilia o silêncio com a modéstia. Sem dúvida que barulho e tagarelice são muito mais detestáveis nas horas de se estar recolhendo ao leito.

Quer ao te despires, quer ao te levatares do leito, lembra-te de manter o pudor. Cuida para não descobrires ante os olhos dos outros aquelas partes do corpo que a natureza e decência querem veladas.

Se tens que dividir o leito com alguém, cuida de ficar quieto, sem agitar o corpo ou descobrir-te. Evita ser molesto ao companheiro, subtraindo-lhe as cobertas.

Antes de reclinar a cabeça no travesseiro, faz o sinal da cruz sobre a fronte e o peito, recomendando-te ao Cristo com breve oração. Faze o mesmo pela manhã, antes de te levatares, inaugurando o dia com uma breve prece. Aliás, nada de mais auspicioso para principiar a jornada.

Depois de aliviar o intestino, nada deves fazer antes de ter lavado a face e as mãos bem como enxaguar a boca.

Em suma, aos que tiveram a ventura de ser nobres pelo nascimento seria vergonhoso se também não correspondessem com hábitos adequados a sua categoria.

Todavia mesmo aqueles que a natureza destinou fossem plebeus, humildes de nascimento e até rústicos, todos aqueles deveriam compensar com o brilho dos hábitos as deficiências da sua categoria social. Com efeito, ninguém pode escolher os próprios pais ou a própria pátria, mas cada qual pode plasmar a sua personalidade pela educação.

À guisa de Colofones⁴ acrescento, aqui, um breve preceito que, a bem dizer, deveria ser um princípio geral.

O máximo da civilidade expressa-se no fato que, mesmo quando alguém seja de todo irrepreensível, deve saber perdoar de bom grado a quantos erram nesta matéria. Em consequência, há de se mostrar não menos simpático para com aquele companheiro de comportamento grosseiro. Pois, indivíduos há que compensam com outras qualidades boas a rudeza de certos costumes. Ademais, as regras que temos ensinado não são lá de tão estrita necessidade que sem elas alguém deixaria de ser educado. Em todo caso, se o companheiro tropeçar nessas regras por inadvertência, seja cortesmente advertido, posto que valha a pena, mas em separado e com brandura.

⁴ Em latim, "Colophonis Vice". O General grego Colofones era o responsável pelas tropas de reserva. Ele só entrava em ação no momento decisivo da batalha a fim de consolidar a vitória. Diz a história que, na hora aprazada, os outros comandantes gritavam: "É a vez de Colofones"! Aliás, expressão igual era empregada por Napoleão quando ordenava: "Allons! Faites donner la garde"! Daí a locução latina "agere Colophonem" que tomou o sentido de "para pôr fim, encerrar o assunto". (NT)

